

Relato de Experiência

**Clubes, sujeitos
e patrimônios
imateriais negros: um
relato de experiência
do Memorial
da Associação
Satélite Prontidão –
ASP (2022–2025)**

Gabriel dos Santos Gonzaga
Jane Rocha de Mattos
Âgatha da Silva Rolim
Ana Carolina Aguilhera dos Santos
Sônia Teresinha Duarte de Oliveira

Recebido em: 1 de agosto de 2025

Aceito em: 8 de fevereiro de 2026

Capa: Mediação “Por um mundo onde sejamos mais Oxum e menos Vênus” no Memorial da ASP, 2025. Acervo da ASP.

GABRIEL DOS SANTOS GONZAGA é doutor em História pela Unirio e professor de História do município de Porto Alegre. Pesquisa raça e processos de racialização, com foco na teoria da História, memória, patrimônio e tecnologia. Integra o Coletivo do Memorial da ASP.

JANE ROCHA DE MATOS é mestra em História (PUC-RS) e professora de História do município de Gravataí. Tem experiência com patrimônio cultural em museus e com relatórios de comunidades remanescentes de quilombos rurais e urbanos. Pesquisa a história do Pós-abolição no Rio Grande do Sul e é integrante do Coletivo do Memorial da ASP.

ÁGATHA DA SILVA ROLIM é graduanda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bolsista do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) e integrante do Coletivo do Memorial da ASP.

ANA CAROLINA AGUILHERA DOS SANTOS é historiadora, trabalha o tema do associativismo negro no Pós-abolição e escrita da História. Pesquisadora na Associação Satélite Prontidão, clube social negro de Porto Alegre/RS. Técnica-administrativa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Equidade (Proafe/UFRGS), e também é parte da Comissão Permanente de Verificação da Autodeclaração Étnico-racial da instituição. Como servidora pública e historiadora, o maior objetivo é experienciar diferentes estratégias/práticas a fim de aliar as formações acadêmica, pessoal e profissional, tendo como valor a defesa da democratização do acesso à educação, especialmente para populações historicamente marginalizadas. Integra o Coletivo do Memorial da ASP.

SÔNIA TERESINHA DUARTE DE OLIVEIRA é bibliotecária-documentalista do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Possui especializações em Teoria e Prática na Formação do Leitor (UERGS, 2017) e em Práticas Curatoriais (UFRGS, 2022). Atualmente cursa especialização em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis em Suporte de Madeira, Papel e Têxtil (Unifebe, em andamento). Atua nas áreas de biblioteconomia e preservação de acervos, com foco na conservação e na salvaguarda do patrimônio cultural. Integra o Coletivo do Memorial da ASP.

CONSENTIMENTO de uso de imagem: imagens cedidas pela Associação Satélite Prontidão e por familiares de Karla dos Santos Guterres Alves.

Clubes, sujeitos e patrimônios imateriais negros: um relato de experiência do Memorial da Associação Satélite Prontidão – ASP (2022–2025)

Gabriel dos Santos Gonzaga

*Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre e
Coletivo do Memorial da ASP
<https://orcid.org/0000-0003-0267-7675>
gabriel.sgonzaga@outlook.com*

Jane Rocha de Mattos

*Secretaria Municipal de Educação de Gravataí e Coletivo Memorial da ASP
<https://orcid.org/0000-0001-9072-0498>
jmattos@cpovo.net*

Ágatha da Silva Rolim

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Coletivo do Memorial da ASP
<https://orcid.org/0009-0004-1399-999X>
agathasilvarolim@gmail.com*

Ana Carolina Aguilhera dos Santos

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Coletivo do Memorial da ASP
<https://orcid.org/0009-0005-1069-7619>
anaguilhera@gmail.com*

Sônia Teresinha Duarte de Oliveira

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Coletivo do Memorial da ASP
<https://orcid.org/0000-0001-6734-2396>
sonia.ufrgs@gmail.com*

RESUMO

Palavras-chave:
Patrimônio Imaterial
Negro; Educação
Patrimonial; Memorial
da ASP.

Este artigo elabora um relato de experiência dos últimos quatro anos de atuação do Memorial da ASP, um projeto de educação patrimonial e salvaguarda do acervo da Associação Satélite Prontidão (ASP), Clube Social Negro (CSN) sediado em Porto Alegre no Rio Grande do Sul. Idealizado em consonância com a emergência do movimento nacional de CSNs, em 2001, o Memorial da ASP foi concretizado como um grupo de ação em 2018. Neste texto, são apresentados elementos centrais que permitem compreender a natureza do projeto: o histórico da ASP e sua diáspora no território urbano; a constituição do Memorial da ASP e suas principais ações; e as experiências de estágio docente do curso de graduação de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com ênfase na educação patrimonial, que revelam a importância de situar a ASP enquanto patrimônio cultural capaz de acionar narrativas contra-hegemônicas da história da cidade.

ABSTRACT

Keywords: Black
Intangible Heritage;
Heritage Education; ASP
Memorial.

This article presents a report on the last four years of activity of the ASP Memorial, a heritage education project and archival preservation initiative of the Associação Satélite Prontidão (ASP), a Black Social Club based in Porto Alegre, in southern Brazil. Conceived in line with the emergence of the national movement of Black Social Clubs in 2001, the ASP Memorial was established as an action group in 2018. This text presents central elements that help to explain the nature of the project: the history of ASP and its diaspora across the urban territory; the formation of the ASP Memorial and its main activities; and the teaching internship experiences of undergraduate History students at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), with an emphasis on heritage education. These experiences highlight the importance of situating ASP as cultural heritage capable of activating counter-hegemonic narratives of the city's history.

INTRODUÇÃO

Os Clubes Sociais Negros (CSNs) apresentam-se como uma das iniciativas dos povos da diáspora africana de formar espaços seguros (Almeida, 2022) para a reorganização das vidas negras, para que resistam e persistam, abrigando os bens físicos e simbólicos que compõem o patrimônio cultural. Em suma, maioritariamente, os CSNs estão localizados em espaços de invisibilização, apagamento e silenciamento da população negra, com destaque para a região sul do Brasil (Domingues, 2023; Escobar, 2010). Nos anos 2000, os clubes negros iniciaram um novo ciclo de mobilização, pautando a defesa do direito à memória, o reconhecimento como patrimônio cultural imaterial frente ao Instituto do Patrimônio Histórico

e Artístico Nacional (Iphan) e o diálogo com as universidades, em especial por meio do campo de estudos do Pós-abolição (Gonzaga, 2025; Silva, 2017).

Nessa conjuntura, o Memorial da Associação Satélite Prontidão (ASP) emerge como um projeto que tem como objetivo construir ferramentas para mobilizar a memória da população afro-gaúcha a partir dessa instituição centenária da cidade de Porto Alegre (RS). Este trabalho se propõe a relatar a experiência do Memorial da ASP entre os anos de 2022 e 2025, período em que se consolidaram ações de educação patrimonial, mediações com o acervo e parcerias com instituições públicas de ensino. Inserido na trajetória do clube, o projeto vem sendo desenvolvido por um coletivo que busca, além de conservar documentos e objetos, promover a valorização do clube na narrativa histórica do Pós-abolição na região sul, pois fez parte de diversas gerações de famílias negras que relatam o clube enquanto uma referência de pertencimento.

Em diálogo com a bibliografia consolidada no campo antropológico, este artigo parte do princípio de que o patrimônio não pode ser restringido à dimensão material. Conforme argumenta José Reginaldo Gonçalves (2005), trata-se de uma categoria mediadora, na qual materialidade, subjetividade e experiência se articulam de forma indissociável. A partir disso, este texto relata as práticas de educação patrimonial do Memorial da ASP, tomando pessoas e memórias como eixo central. Nessa perspectiva, o patrimônio se produz nas relações no e com o território, a partir das experiências vivenciadas em práticas cotidianas das populações negras em contexto diaspórico. O patrimônio imaterial se constrói na articulação com a materialidade, sendo acionado e representado por meio do acervo, o que permite entrelaçar o clube, os sujeitos e a patrimonialização no trabalho desenvolvido pelo Memorial da ASP.

Em análise semelhante sobre os clubes negros, a antropóloga Gesline Braga (2019) afirma que no entrelaçamento do material e imaterial uma realidade passada emerge. De tal modo, a localidade está, portanto, na memória. O patrimônio é um dos acessos ao território, o que orienta a prática aqui narrada. Ademais, este texto apresenta um relato de experiência de um coletivo em formação, bem como os avanços organizacionais, teóricos e práticos. Embora ofereça um diálogo com os estudos históricos do Pós-abolição, nossa ênfase recai sobre a prática política e pedagógica em desenvolvimento no Memorial da ASP.

A ASSOCIAÇÃO SATÉLITE PRONTIDÃO (ASP)

Os Clubes Sociais Negros têm origem em discursos entrecruzados: são produtos da realidade histórica de instituições negras que se comunicavam e se entendiam como parte de um *continuum*, como interpretou a historiadora Maria Beatriz Nascimento (2018, 2021, 2023) sobre a historicidade quilombola, uma vez que se comunicavam e se entendiam enquanto entidades análogas, mesmo em fronteiras políticas distintas (Silva, 2017); são constituídos a partir

da mobilização dessas agremiações em um ciclo recente de luta por reconhecimento como patrimônio, a partir da realização do I Encontro Nacional Clubes e Sociedades Negras (Escobar, 2010) e do mapeamento dos clubes negros realizado pelo Iphan (Braga, 2019; Lima; Silva, 2015). Por fim, pode-se dizer que os clubes também aparecem em diálogos com os estudos do Pós-abolição, a partir de intercâmbios entre a agenda militante e acadêmica, e por meio de um novo posicionamento enquanto *arquivos* imprescindíveis para a compreensão e interpretação da história negra no Brasil (Gonzaga, 2025).

Em 2008, um conceito foi proposto pelo poeta Oliveira Silveira, intelectual orgânico do movimento clubista:

Os Clubes Sociais Negros são espaços associativos do grupo étnico afrobrasileiro, originário da necessidade de convívio social do grupo, voluntariamente constituído e com caráter beneficente, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num espaço físico próprio. (Silveira *apud* Escobar, 2010, p. 61)

A este conceito, somaram-se alguns outros: o de clubes enquanto lugares de memória (Escobar, 2010), enquanto organizações políticas (Silva, 2017), e o de tecnologias quilombolas, enquanto formas cosmopolíticas (Gonzaga, 2025). Mas é o conceito do poeta Oliveira que ainda exerce uma força de articulação nas redes clubistas. Segundo Gesline Braga (2019), trata-se de uma interpelação conceitual, uma vez que a alcunha é estranha inclusive ao nome original dessas instituições. Não é necessariamente o aspecto formal-analítico que une os clubes a partir do conceito, mas a historicidade comum, da qual muitas vezes os clubistas foram afastados¹. Nesse sentido, o Memorial da ASP, ao mobilizar essas ferramentas conceituais, interliga uma localidade à historicidade que é fruto dessa composição cruzada.

É nesse sentido que se deve compreender, atualmente, a Associação Satélite Prontidão, originada da união de duas sociedades fundadas nas primeiras duas décadas do século XX em Porto Alegre: a Satélite Porto-Alegrense (1902) e a Recreativa Benficiente Prontidão (1925). Apesar da fusão datar de 30 de setembro de 1956, as celebrações da origem da entidade ainda se referem à fundação da Sociedade Satélite. As primeiras referências às sociedades citadas estão presentes nos veículos de imprensa do período. Ao tardar de fevereiro de 1914, verão na capital rio-grandense, no jornal *A Federação*², emergiram os festejos que reuniram diversas associações (operárias, recreativas e educacionais) em torno da alteração de nomenclatura da antiga rua da Concórdia para o nome do abolicionista negro José do Patrocínio. A cerimônia e festejos iniciados pelo intendente José Montauray (Partido Republicano Riograndense) tiveram continuidade nos salões da Sociedade Satélite Porto-Alegrense.

A Sociedade, recorrentemente citada neste periódico, foi fundada passados 14 anos após a abolição da escravidão, em 20 de abril de 1902, por famílias

1. O Memorial soma-se a vários projetos acadêmicos que trabalham localmente a memória dos clubes negros. Por exemplo, o Museu Treze de Maio em Santa Maria se tornou referência para projetos deste teor. Além dele, o trabalho realizado pela professora Giane Vargas em Jaguarão com o clube 24 de Agosto também nos serve de orientação. Vargas coordena um projeto de mapeamento dos clubes negros a partir de uma catalogação virtual. Ver <https://clubessociaisnegros.com/>. Acesso em: 11 dez. 2025. O clube 24 Agosto ganhou projeção após seu tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual (Iphae). Sobre este processo, ver dissertação do antropólogo Alexandre Peres de Lima (2015).

2. A Federação, jornal do Partido Republicano Riograndense que veiculava as ideias republicanas, bem como notícias da sociedade regional e do centro do país. Perdurou de 1884 a 1937.

3. Neste estatuto surgem nomes dos membros fundadores e provavelmente de seus legatários, como João Pedro dos Santos que esteve nas três associações que se juntaram, e no conselho fiscal Emília da Costa Carvalho, única mulher na composição da gestão.
4. Entende-se como território negro (Bittencourt, 2010) como espaço de pertencimento da comunidade negra, moradia, vivências e referências culturais.
5. Clube negro fundado em 1872 em Porto Alegre, em atividade até hoje.
6. Não conseguimos precisar quando a Associação Satélite ficou inativa, mas sabemos que alguns dos seus membros também compuseram o Bloco Carnavalesco Prontidão. A Federação, em 1931, traz referências do Satélite envolvido com outras sociedades da cidade em um concurso musical.
7. Cordão é um grupo de pessoas vivenciadoras do carnaval que se reúnem com suas próprias fantasias, eram muito comuns nos carnavais do século XIX e início do XX.
8. A área da cidade baixa estava localizada abaixo da colina da rua Duque de Caxias, centro da cidade. Posteriormente, em 1959, se tornou um bairro que agregava territórios importantes para a comunidade negra, como a Ilhota e o Areal da Baronesa (hoje reconhecido como um quilombo urbano de Porto Alegre).
9. Grupo de mulheres formado em 1930 dentro do Prontidão.

negras. Campo recente dentro da historiografia (Rios; Mattos, 2004; Silva, 2023), a área do Pós-abolição traz reflexões sobre quais eram os projetos dos libertos em uma república em construção. Essas famílias legatárias da diáspora negra nas terras do sul do Brasil se organizaram em torno de suas experiências associativistas, mesmo na vigência da escravidão, tendo como principais marcos a ajuda mútua aos seus pares, a educação e o reconhecimento da cidadania. A Sociedade Satélite recebeu nomeações diferentes ao longo de sua trajetória, registradas em seus estatutos: bailante, dançante, recreativa ou somente Satélite Porto-Alegrense, agregando membros de diversas profissões (comerciantes, funcionários públicos, costureiras, professoras) que possibilitaram, no decorrer de suas gestões, a compra de um terreno para a construção de uma sede.

Em um dos seus estatutos³, do ano de 1921, como parte da agenda política de seus fundadores, estavam descritos os principais objetivos: a educação ofertada a seus membros na manutenção de uma biblioteca para a leitura de obras científicas, artes e ofícios; bem como a promoção de um caixa beneficente para auxílio nas enfermidades, falecimentos e nascimentos; e a edificação de uma sede própria, importante demanda já que a existência da associação dependia de um espaço físico. A rotatividade de sedes se constatou, à medida que, nas primeiras três décadas, a Sociedade esteve localizada em seis endereços distintos: rua Riachuelo nº 187 (área central da cidade), rua General Lima e Silva nº 38 e nº 56, Lobo da Costa nº 44, Venezianos nº 368 e Travessa Batista nº 12 (no bairro da Ilhota), centrados na sua maioria nos territórios negros⁴ da cidade. A Sociedade promovia bailes, inclusive nas dependências do icônico Theatro São Pedro, símbolo arquitetônico da capital gaúcha, e entre outras associações, como no clube negro Floresta Aurora⁵, participando de desfiles carnavalescos com seus blocos, de partidas de futebol e de festas promovidas por entidades negras da cidade e de fora desta. Na década de 1950, as atividades foram diminuindo até quase a sua paralisação⁶.

O Prontidão, por sua vez, surgiu na década de 1920, a partir de um Cordão⁷ Carnavalesco. Fundado em 01 de março de 1925, o cordão foi, posteriormente, uma sociedade recreativa e beneficente, nomenclaturas comuns do associativismo. Segundo depoimentos dos antigos vivenciadores, em meio ao carnaval do ano de 1925, um grupo de jovens impedidos de entrar em um salão onde ocorria um baile de carnaval, por não possuírem recursos para a compra dos convites, criou o cordão como resposta à negação de sua entrada nas dependências da festa. Dessa forma, articularam uma estratégia e conseguiram acessar o salão cantando um refrão que fazia alusão à condição financeira: “Pron, prontidão, pron, prontidão”. Nessa mesma noite, ocorreu o ato de fundação do Cordão Carnavalesco na moradia de Cecília Pedroso, na Cidade Baixa⁸, também idealizadora das Vanguardistas Protistas⁹. Entre os jovens fundadores estavam José de Oliveira Lomando, Oscar Martins, Antônio Hermínio de Oliveira e Aderbal Braz. O Prontidão promoveu, ao longo de sua existência, inúmeros bailes, cursos de alfabetização e assistência médica para os seus sócios. A sociedade

esteve localizada em alguns espaços locados na cidade de Porto Alegre. No ano de 1932, ocupava uma casa na General Lima e Silva nº 377, e, posteriormente, ocupou um prédio com dois pavimentos na rua Barão de Gravataí nº 645, onde permaneceu até a década de 1960. Nesse momento, já como Sociedade Satélite Prontidão, adquiriu a sede própria na av. Aparício Borges nº 288, permanecendo décadas neste logradouro. A maior parte da comunidade prontista atual tem como referência principal a memória das atividades realizadas pela ASP na sede da zona sul (marcada em preto no mapa da Figura 1). Consequentemente, são oriundas desse período as principais peças do acervo do Memorial da ASP, já exploradas em trabalhos acadêmicos sobre o clube (Feijó, 2013; Jesus, 2005; Cunha, 2018; Gonzaga, 2025).

No ano de 2011, uma nova propriedade foi adquirida no bairro da zona norte, Rubem Berta (marcada em marrom no mapa da Figura 1), onde a Associação permanece até os dias atuais.



Imagem 1 – Localizações históricas da Associação Satélite Prontidão (apud Alves, 2022, p. 135).

10. Prontistas, como são denominados os sócios e frequentadores da ASP.

O trabalho do coletivo do Memorial da ASP teve início na nova sede. A vivência no clube possibilitou o acesso a diversas experiências da história da ASP, com prontistas¹⁰ que acompanharam e protagonizaram as transformações pelas quais a associação passou. A atuação desses sujeitos comprometidos com a salvaguarda de suas histórias, como a professora Karla dos Santos Guterres Alves, uma das pioneiras no trabalho desenvolvido pelo Memorial, reafirma o direito à memória em uma cidade ainda atravessada por processos de invisibilização, deslocamento e apagamento da população afrodescendente em Porto Alegre. Além disso, situa o Satélite Prontidão no contexto da rede clubista, de modo que as intervenções no acervo são mediadas pela conjuntura de mobilização do coletivo de CSNs e a historicidade que reivindicam na luta pela patrimonialização (Escobar, 2010).

O MEMORIAL DA ASP

Inserido na Diretoria de Acervo e Pesquisa do Satélite Prontidão, o Memorial da ASP trabalha pelo resgate historiográfico tanto da trajetória do clube quanto das memórias de homens e mulheres negros que contribuíram para a constituição de sua história. Por meio da coleta documental, revisão bibliográfica, entrevistas, rodas de memórias, entre outras ações, o projeto se propõe a reconstituir a história e compartilhá-la por meio de um museu comunitário de acesso público, no interior da sede do Prontidão. O Memorial é uma maneira de popularizar informações a respeito da importância e contribuição da ASP e demais clubes negros para a melhoria da qualidade de vida e saúde, escolarização, cidadania, elevação de autoestima e bem-estar social da população negra.

O Memorial da ASP foi inscrito no estatuto mais recente do clube, de 2012. É importante destacar que a pesquisa histórica foi institucionalizada na ASP recentemente, com a criação do Departamento de Acervo e Pesquisa, em 2001, durante a gestão do presidente Nilo Feijó e a proposta de criação do Museu da Cultura e da Cidadania Negra (Feijó, [ca. 2001]; Dorneles, 2021). Nos estatutos de 1956 e 1964, consta somente uma menção à biblioteca comunitária, que atualmente é conhecida como Afroteca. Nesse quesito, ressalta-se que a criação do Memorial e o trabalho com a memória negra na ASP são alinhados e contextualizados pelo movimento de Clubes Sociais Negros e a luta pelo reconhecimento como patrimônio imaterial do Estado brasileiro. Como narrou a pesquisadora Giane Vargas, citada anteriormente, os CSNs se organizaram a fim de defender pautas comuns diante do poder público, tendo como estopim o I Encontro Nacional, realizado em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, no ano de 2005 (Escobar, 2010).

Em 2018, um pequeno grupo de prontistas e simpatizantes do clube, liderado pela professora, pedagoga e clubista negra Karla dos Santos Guterres Alves, retomou as atividades do Memorial, a fim de organizar, conservar e democratizar a memória da ASP. Em entrevista, Karla narrou as intenções iniciais do projeto:

A gente queria botar umas prateleiras, alguma coisa assim, com objetos, porque a ideia é ter um lugar para colocar os objetos, as coisas, ter um espaço de memória, não era nada muito ambicioso no sentido de constituição, mas a gente queria contar aquela história e ter objetos que nos apoiassem, nos ajudassem nessas narrativas.¹¹

A proposta pioneira cresceu, e Karla e suas companheiras de trabalho estabeleceram como metas a constituição de uma reserva técnica, visando a preservação do acervo do Satélite Prontidão, e um espaço físico para exposições e ações de educação patrimonial.

11. Entrevista concedida para Gabriel dos Santos Gonzaga no âmbito de sua pesquisa de tese de doutorado, em 05 de março de 2022. Ver Gonzaga (2025).

Gradualmente, Karla se tornou uma referência para a memória prontista. Criada e educada no Satélite Prontidão, ela foi duas vezes eleita rainha do clube nos anos 1980 (ver Figura 2). Foi no interior do Prontidão que Karla iniciou o relacionamento com Richard Evandro Guterres Alves, hoje reservista do Exército. Após morar anos longe de Porto Alegre, Karla e Richard retornaram ao clube e se tornaram membros ativos, figuras importantes para sua recente retomada e reorganização. Karla, nesse meio tempo, se dedicou ao resgate da memória da ASP, mesmo que considerasse esse âmbito fora da sua formação profissional:

Eu sou pedagoga, não sou da história. [...] Eu estou num lugar, às vezes, me sinto meio invasora, mas que foi muito mais um lugar emocional do que uma questão de formação acadêmica. Estou muito mais sentindo [...].¹²

12. Entrevista concedida para Gabriel dos Santos Gonzaga no âmbito de sua pesquisa de tese de doutorado, em 05 de março de 2022. Ver Gonzaga (2025) .

A experiência prontista de Karla foi fundamental para a organização da memória do clube e para a orientação dos trabalhos que foram realizados sob sua liderança. Em 2019, Karla criou o programa de extensão *Associação Satélite Prontidão: Resistência e Ancestralidade*, junto ao Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), campus Viamão, onde atuava como professora (Alves, 2022). O programa contemplou o Memorial da ASP e a Afroteca, realizou-se uma triagem no acervo, além de iniciar a digitalização do material fotográfico e documental. Em 2020, a pandemia da Covid-19 afetou a vida cotidiana do clube e os trabalhos do Memorial. Com isso, as ferramentas digitais se mostraram como possibilidades de comunicação da memória. Foram realizadas *lives* pela plataforma do YouTube, que engajaram a comunidade prontista em diálogos sobre o passado e o presente do Prontidão¹³. Segundo Karla, o uso da tecnologia digital, nesse sentido, significou um marco para a ASP e demais clubes negros no Rio Grande do Sul.

13. As *lives* do Prontidão seguem disponíveis online: <https://www.youtube.com/@associacaosatelite-prontida9339/streams> Acesso em: 13 dez. 2025.

Imagem 2 – Karla dos Santos Guterres Alves, rainha do Satélite Prontidão em 1987. Acervo da ASP. Doação de Amanda dos Santos Guterres Alves.



Imagem 3 – Professora Karla dos Santos Guterres Alves em exposição do acervo da ASP, durante atividades do Memorial da ASP, 2022. Acervo da ASP.



As atividades presenciais retornaram com o arrefecimento da pandemia no fim de 2021. Em 2022, auxiliada por uma nova equipe, que redige este texto, Karla liderou um calendário de ações no Memorial da ASP, seguindo a efeméride dos 120 anos da fundação do clube. Foram realizadas as *Oficinas de História e Memória Negra*, apoiadas pelo IFRS. Além disso, ocorreu a segunda edição do *Café com Memórias*, atividade de captação de testemunhos para o acervo do clube. A equipe do Memorial apresentou trabalhos no Seminário Internacional Clubes Sociais Negros, organizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pela Sociedade Floresta Aurora (SFA), que comemorava seus 150 anos de existência. Por fim, em 2022, Karla e suas companheiras ganharam uma pequena verba do Edital da Plataforma Ancestralidades, ligada ao Itaú Cultural e à Fundação Tide Setubal, destinada para a reforma e inauguração do espaço físico do Memorial.

No dia 15 de julho de 2023, Karla faleceu em decorrência de um câncer. Após alguns meses parada, a equipe do Memorial conseguiu se recompor e perseguir o sonho de sua ancestral. Em dezembro de 2024, após muitas intempéries, a ASP inaugurou o espaço expositivo Prof^a. Dr^a. Karla dos Santos Guterres Alves, em homenagem póstuma (ver Figura 4). Com a retomada, em 2025, o Memorial da ASP pretende prosseguir com os trabalhos de memória do Satélite Prontidão, buscando financiamento em diversas frentes.

Em vida, a luta contra o esquecimento se tornou uma das bandeiras de Karla. Em entrevista, ela enfatizou que a história da ASP sofre com o apagamento e o silenciamento da história negra de Porto Alegre¹⁴. Particularmente, isso ocorreu com o Prontidão após a compra da sua antiga sede por uma rede de supermercados e a mudança para a zona norte da cidade:

Uma das primeiras frases que a gente escuta, escutava ao menos, quando falava de Prontidão é: o Prontidão ainda existe? Isso incomodava muito, incomodava muito. É como se ele saindo da Aparício, deixasse de existir, entendeu?¹⁵

14. Esse é um tema recorrente nas pesquisas sobre os territórios negros da capital gaúcha. Ver, por exemplo, a dissertação de Daniele Machado Vieira (2017).

15. Entrevista concedida para Gabriel dos Santos Gonzaga no âmbito de sua pesquisa de tese de doutorado, em 05 de março de 2022. Ver Gonzaga (2025).

O Memorial da ASP, portanto, se entende como um projeto de História Pública (Santhiago, 2016, 2018, 2021), que enfrenta a invisibilização da história negra em Porto Alegre, em particular, a história dos clubes negros e da ASP. Em outros termos, o historiador haitiano Michel-Rolph Trouillot (2016) chamou essa dimensão do racismo de silenciamento histórico. Na perspectiva de Trouillot, o silenciamento é consequência inerente aos projetos de poder racial que envolvem a constituição da historicidade em uma determinada localidade. Como um projeto de resistência aos efeitos desse silenciamento, o Memorial defende o direito à memória negra e se posiciona enquanto um espaço de salvaguarda, invenção e educação em torno do patrimônio imaterial e material negro. Nesse caso, a vida de Karla aqui narrada, bem como as experiências que ajudou a iluminar o projeto, faz parte da mensagem que se pretende preservar e transmitir.

Com esse objetivo, várias alianças têm sido fomentadas a fim de trazer novas personagens para o projeto. Entre as quais, destacam-se as parcerias de estágio em educação patrimonial com a Faculdade de Educação da UFRGS, ocorridas nos anos de 2024 e 2025. A relação entre universidade e comunidade prontista nos auxilia a manter as atividades do Memorial da ASP e a fomentar ações criativas de educação patrimonial. A tônica dessas atividades tem sido a ênfase no patrimônio imaterial, memórias orais e experiências clubistas vividas, por meio da mediação com o acervo. O restante deste artigo apresenta essas experiências, em continuidade com a trajetória do Satélite Prontidão, da formulação do conceito de Clubes Sociais Negros pelo movimento clubista e da construção do Memorial da ASP. Tais ações expõem um contexto de emergência dos clubes negros enquanto patrimônios imateriais.



Imagem 4 - Placa da sala expositiva em homenagem a Profª. Drª. Karla dos Santos Guterres Alves. Acervo da ASP.

BOLETINS INFORMATIVOS DA ASP: REPRESENTAÇÕES DA VIDA NEGRA NA SEÇÃO “A NOSSA HISTÓRIA”

A experiência a ser relatada foi realizada como parte da avaliação do estágio de docência em História com ênfase em educação patrimonial. A atividade consistia em uma mediação, a qual foi elaborada a partir dos boletins informativos desenvolvidos pela ASP no final dos anos 1990. Desses materiais, optou-se por trabalhar especificamente a seção “A Nossa História”, iniciada no boletim de nº 7, em 1997, e que se manteve até o nº 38, em 1999. Nessa seção, percebe-se uma clara preocupação em abordar a experiência negra, a partir de informações variadas que iam desde contar a trajetória de figuras históricas, até enaltecer feitos da comunidade negra no contemporâneo e trazer curiosidades sobre aspectos específicos da cultura afrodescendente.

A mediação do Estágio aconteceu dentro da própria sede da ASP. É fundamental que o público tenha a oportunidade de vivenciar o território e valorizar a presença do clube em Porto Alegre, de forma que se ressignifique a sua relação com o espaço, o tempo e os símbolos que compõem a identidade da cidade por meio do mecanismo da memória cultural. A atividade iniciou com a apresentação da ASP, em que a proposta era contextualizá-la como um Clube Social Negro, evidenciando a especificidade dessa e de outras entidades negras em relação aos clubes “brancos”. Afinal, os desafios impostos à população negra após a abolição foram acompanhados de estratégias de manutenção da sua existência, como a composição de espaços que, tal qual a ASP, representaram e representam territórios alternativos à cultura hegemônica, seguros para criação de referenciais éticos, estéticos, culturais, políticos etc., autodeterminados.

A mediação seguiu com a análise da seção “A Nossa História” dos boletins informativos, produzidos entre 1997 e 1999, no intuito de refletir sobre as memórias de personalidades e/ou eventos evocados nos textos. Foram escolhidas as seções que tinham em comum o fato de abordarem trajetórias de pessoas negras no decorrer da História do Brasil, desde os abolicionistas do século XIX (como Luiz Gama e André Rebouças), passando pelo imediato Pós-abolição (falando sobre Solano Trindade), até os anos 1990, falando sobre personalidades como a primeira Desembargadora negra do Tribunal de Justiça do RS, Laís Rogéria Alves Barbosa, e celebrando a aprovação dos jovens que estudaram no Curso Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares (iniciativa da própria instituição) nos certames para ingresso no ensino superior.

Para finalizar a atividade, o grupo analisou como as pessoas negras são representadas nos meios de comunicação de grande alcance atualmente. Para tal, a metodologia foi utilizar determinados termos na página de notícias do Google. O intuito foi observar as mudanças e continuidades entre os significantes acionados atualmente e aqueles que a seção “A Nossa História” apontava, no sentido de manutenção de imagens limitadas (isso quando existiam) acerca da história e cultura negras quanto as representações ao longo do tempo (ver

Figura 5). As pessoas presentes na atividade destacaram que o trabalho realizado na seção, ainda nos anos 1990, permanece atual e necessário, pois a forma de representar as pessoas negras ainda se encontra permeada por estereótipos e essencialismos (hooks, 2019). Na opinião do público, a contranarrativa é geralmente produzida por pessoas negras — e é menos divulgada.

Entre momentos de reflexão, de lembranças, de risadas e muito conhecimento compartilhado, uma ilustre participante, dona Eva Esperança Guterres Alves (ver Figura 5), historiadora e mãe do presidente da ASP, Richard Guterres Alves, ofereceu diversos apontamentos fundamentais. Na leitura de um dos boletins, ela identificou uma referência ao sociólogo Alberto Guerreiro Ramos, em que diz:

Há o tema do negro e há a vida do negro. Como tema, o negro tem sido, entre nós, objeto de escarpelação perpetrada por literatos e pelos chamados “antropólogos” e “sociólogos”. Como vida ou realidade efetiva, o negro vem assumindo o seu destino, vem se fazendo a si próprio, segundo lhe têm permitido as condições da sociedade brasileira. Mas uma coisa é o negro-tema; outra, o negro-vida. O negro, na versão [...] dos que, mesmo de boa-fé, o veem de fora, é uma coisa. Outra é o negro desde dentro¹⁶.

16. Citado no Boletim Informativo ASP, 1998, n° 21. Acervo da Associação Satélite Prontidão.

A colocação de Guerreiro Ramos, manifestada na leitura de dona Eva do boletim n° 21, traz reflexões. Com base nos estudos do sociólogo, é possível distinguir o negro enquanto tema e o negro enquanto vida. O negro-tema é “uma coisa examinada, olhada, vista, ora como ser mumificado, ora como ser curioso, ou de qualquer modo como um risco, um traço de realidade nacional que chama a atenção.” (1995, p. 215). Em *Patologia social do “branco” brasileiro* (1995), Guerreiro Ramos afirmou que os estudiosos do negro-tema estão mais preocupados em colocar esse grupo na posição de objeto da análise; o objeto é definido e delimitado por outro, que os estuda, estigmatiza-os e, com esse conhecimento, pode decidir sobre a vida (em termos de políticas públicas, cultura, definição de lugares sociais e manutenção de estruturas) e mesmo a morte desses indivíduos. Por sua vez, o negro-vida é o acionamento da posição de sujeito das pessoas negras, evidenciando as complexidades, as especificidades, a dinamicidade da sua experiência no espaço-tempo. Como aponta Guerreiro Ramos (1995, p. 215):

O negro-vida é, entretanto, algo que não se deixa imobilizar; é despistador, proteico, multiforme, do qual na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã o que não é hoje.

Essa reflexão é cara para que, ao escolher estudar/teorizar sobre trajetórias negras, não se esqueça de que são vidas — de que são existências. Essa distinção

entre negro-tema e negro-vida, proposta por Guerreiro Ramos, oferece um caminho teórico para analisar os boletins informativos, bem como para avaliar a própria trajetória da ASP. Enquanto uma abordagem tradicional, centrada no negro-tema, tende a estigmatizar a população negra como objeto de estudo, a perspectiva do negro-vida foca na experiência e agência dos sujeitos negros, afirmando sua trajetória como autores e leitores de sua própria história. O que ficou evidente com a atividade é o compromisso da ASP, enquanto um Clube Social Negro — portanto, um espaço de referência — em formar/ser um patrimônio capaz de educar historicamente a comunidade. Isso significa que a partir desses espaços é possível provocar (re)leituras e (re)escritas de mundo, tendo como referencial aquilo que é produzido dentro do clube e nas suas interlocuções com a sociedade. CSNs são, entre outros movimentos, protagonistas em um processo de afirmação da cidadania afro-brasileira no Pós-abolição. Sendo esse um objetivo explícito ou não, as práticas dos clubes negros, que envolvem a luta antirracista e a formação de imagens libertadoras (hooks, 2019) para a sua comunidade, formam patrimônios materiais e imateriais que serão legados e difundidos pelas próximas gerações, proporcionando percepções da temporalidade e da espacialidade a partir dos referenciais trazidos nesses locais.



Imagem 5 - mediação com os boletins informativos no Memorial da ASP, 2024. Acervo da ASP.

SER MAIS OXUM DO QUE VÊNUS: EXPERIÊNCIAS DE MEDIAÇÃO NO MEMORIAL DA ASP

Os Clubes Sociais Negros não são apenas espaços onde são permitidos aos sujeitos a autorrepresentação, mas também territórios propícios a estilhar as imagens de controle. Segundo Patrícia Hill Collins (2019), as imagens de controle são dispositivos que naturalizam violências: fazem com que o racismo, o sexismo, a pobreza e as outras formas de injustiça social pareçam normais,

esperadas e inquestionáveis. Essas imagens contribuem para desumanizar os sujeitos; porém, os Clubes Sociais Negros rompem com essas normativas ao construir territórios a partir de uma pedagogia calcada nas ancestralidades negras e tomando-as como referências positivadas de existência.

Aprofundando essa potência contra-hegemônica dos clubes, foi proposto uma mediação educativa no Memorial da ASP, durante o estágio de docência em História com ênfase em educação patrimonial, realizado no primeiro semestre de 2025. A possibilidade de desenvolver o estágio no Memorial impacta profundamente na formação de estudantes negras, pois estar em um espaço patrimonial negro, forjado pela comunidade, possibilita articular trajetórias pessoais, afetos e referenciais em uma prática educativa engajada. As subjetividades das estagiárias — atravessadas por experiências de ancestralidade, territorialidade, religiosidade e resistência — não são deixadas de fora da mediação: ao contrário, elas se tornaram parte do processo. O Memorial, como lugar de escuta e acolhimento, permitiu que a mediação fosse construída não apenas *para* a comunidade, mas *com* ela, em uma aliança afetiva e pedagógica. Com esse entendimento, a mediação teve como base uma lógica de educação patrimonial referenciada a partir de uma compreensão de patrimônio situado e afro referenciado (Aguiar, 2022; Moura, 2018). Tal compreensão entende que são as comunidades que habitam determinados espaços que lhes atribuem sentido de patrimônio, e que a educação patrimonial, quando comprometida com a comunidade, deve ser pensada a partir dos valores, experiências e sentidos construídos pelas próprias comunidades.

Tal entendimento originou a mediação “Por um mundo onde possamos ser mais Oxum e menos Vênus”, amparada também por uma ética das orixalidades (Silva, 2022). Evocar essa ética para mediação foi o que permitiu compreender a presença de Oxum não só como deusa da beleza e da fertilidade, mas como estrategista, senhora da diplomacia e fonte profunda de sabedoria. Oxum se apresenta como ancestral primordial, no sentido de construir imagens positivas do ser mulher negra. A partir dessa figura, as vivenciadoras conseguiram visualizar seus referenciais e as intencionalidades de seu próprio fazer diário junto ao clube. Já a imagem de Vênus era a representação das imagens de controle, daquilo que cotidianamente as mulheres negras precisam enfrentar. E, por fim, a história da professora Karla, como alguém que se dedicou a produzir estratégias e criar alianças que possibilitassem a salvaguarda do acervo e das memórias do clube, trazia o potencial educativo daquelas que foram consideradas ancestrais, compreendendo que as rainhas do clube são também ancestrais e suas vivências e memórias possuem um potencial educador.

Trabalhar com memória, nesse contexto, exigiu um cuidado que se aproxima de uma artesanaria. Em entrevista, a autora Ana Maria Gonçalves (2018), ao falar que se interessa pelo espaço ocupado pelas ausências, cita o *kintsugi* — técnica japonesa de reparo que restaura cerâmicas quebradas preenchendo suas fissuras com pó de ouro. Para a autora, nossas vozes e ideias são como esse ouro: colam

e preenchem os pedaços partidos da história, sem apagar as rachaduras — ao contrário, transformam-se em parte visível da peça. Tal metáfora contribui para narrar a experiência de realizar o estágio de educação patrimonial no Memorial da ASP. A memória, aqui, não é entendida como algo a ser apenas preservado, mas como algo a ser constantemente ativado, reparado e compartilhado. Nossas memórias, ao serem compartilhadas durante a mediação, se transformaram em pó de ouro: o objetivo não era apagar as rachaduras causadas pelos apagamentos e violências vividas no cotidiano, mas construir junto dessas, criando uma peça completa.

Os clubes podem ser compreendidos de diversas maneiras — entre elas, como espaços de imaginação coletiva. Espaços propícios tanto para compreender histórias subalternizadas quanto para fazer delas fonte de inspiração na construção de outros mundos possíveis. Essa possibilidade se evidenciou durante uma das mediações, quando chegamos ao momento final em que a pergunta era: “como podemos criar um mundo onde possamos ser mais Oxum do que Vênus?”. A atual rainha da ASP, e a participante mais jovem da mediação, respondeu: “com mais clubes negros, com mais espaços como a ASP”.

Um mediador, muitas vezes, é também um contador de histórias. Mediar é saber como contar histórias, como construir narrativas que reavivam o patrimônio, iniciando o compartilhamento de memórias. Ao conjurar Oxum como uma ancestral mítica para dentro do clube, e ao trazer elementos que constituem seu imaginário, foram criados diálogos entre as vivenciadoras, as quais, por sua vez, evocaram suas próprias memórias e narrativas. A mediação se articulou no espaço do Memorial não no sentido de restaurar um passado perdido, mas de construir um mundo que desejamos habitar.

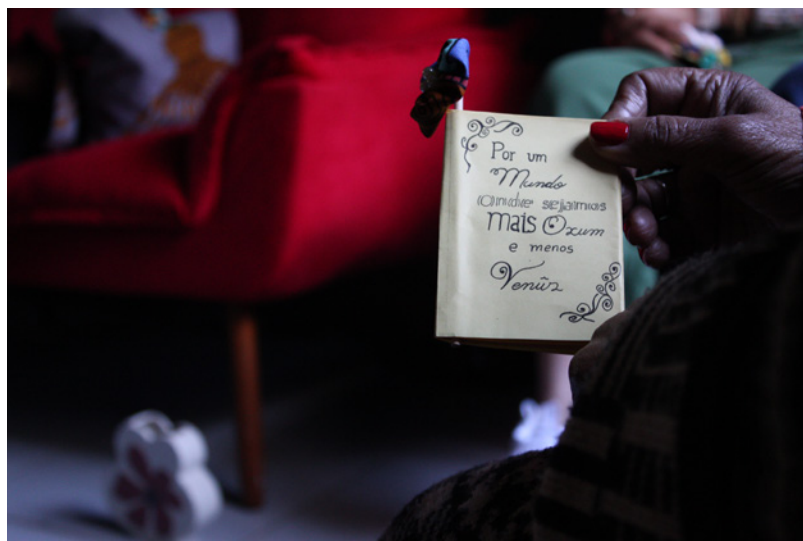


Imagem 6 - Mediação “Por um mundo onde sejamos mais Oxum e menos Vênus” no Memorial da ASP, 2025. Acervo da ASP.

CONCLUSÃO

As experiências de mediação em educação patrimonial aqui narradas, juntamente à trajetória da Prof.^a Dr.^a Karla dos Santos Guterres Alves e a elaboração do conceito de Clubes Sociais Negros pelo movimento clubista apresentam a continuidade histórica e os elementos do tempo presente. Nesse contexto, as associações negras, inclusa a ASP, tornam-se patrimônio imaterial e parte da historicidade da diáspora africana, e elas se mobilizam pelo reconhecimento enquanto tal.

É também nesse contexto que se compreende a atuação do Memorial da ASP para além de um campo técnico de salvaguarda de bens culturais, também como um campo ético, político e afetivo de construção de pertencimento, memória e reexistência negra. Um exercício de reinvenção. Isso evidencia que o Memorial é um espaço contra-hegemônico de produção de conhecimento, pois se estrutura a partir de uma lógica comunitária, afetiva e negra de preservação e transmissão de saberes. Ali, os arquivos não estão apenas nas pastas, mas nos corpos e nas falas; o imaterial dá sentido ao material, e o acervo é um catalisador para rememorar as relações e as memórias constituídas em torno deste.

O Memorial apresenta, antes de tudo, a elaboração de uma plataforma que se baseia na História Pública e desenvolve a mediação entre uma localidade e a produção acadêmica. Este texto trata apenas de um relato de experiência e dos eixos teóricos que orientam tal trabalho. Testemunhamos, contudo, que nossas vivências têm nos permitido imaginar um mundo porvir, onde consigamos existir com referências positivadas de nós mesmas, um mundo em que espaços seguros de manutenção da vida negra não só existem, mas também são preservados e constantemente (re)construídos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Caroline. *Ensino de História e a construção de uma educação patrimonial afrocêntrica: heranças negras em matrimônios*. 2022. 160 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

ALMEIDA, Mariléa de. *Devir quilombola: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas*. São Paulo: Elefante, 2022.

- ALVES, Karla dos Santos Guterres. Um Clube Social Negro em um Programa de Extensão: Associação Satélite Prontidão, Resistência e Ancestralidade. *Viver IFRS*, Viamão, v. 1, n. 10, p. 133-138, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/ViverIFRS/article/view/5617>. Acesso em: 20 mar. 2026.
- BRAGA, Geslline Giovana. “Cada um no seu quadrado”: os Clubes Sociais Negros e a imaterialidade do lugar na produção cultural do real. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 6-24, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5216/sec.v22i2.58394>.
- BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho. Os percursos do Negro em Porto Alegre: Territorialidade Negra Urbana. In: BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho; SOUZA, Vera Vanessa; VILASBOAS, Ilza da Silva (eds.). *Museu de Percorso do Negro em Porto Alegre*. Porto Alegre: Do autor, 2010, p.9-74.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- CUNHA, Camila Rosângela da Silva. *A Associação Satélite Prontidão: uma história social dos negros no pós-abolição*. 2018. 20 f. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade La Salle, Canoas, 2018.
- DOMINGUES, Petrônio. Clubes negros no Brasil: puzzle de um campo emergente. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 15, p. 1-22, 17 out. 2023. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-9222.2023.e93849>.
- DORNELES, Maurício da Silva. *Protagonismo negro e ações educativas configuradas no projeto do Centro de Referência Afro-Brasileiro/CRAB em Porto Alegre-RS*. 2021. 57 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
- ESCOBAR, Giane Vargas. *Clubes Sociais Negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial*. 2010. 221 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.
- FEIJÓ, Ana Lúcia Felipe. *Os 110 anos da Associação Satélite Prontidão em uma viagem através da fotografia*. 2013. 48 f. Monografia — Programa de Pós-Graduação em Pedagogia da Arte, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

- GONÇALVES, Ana Maria. Nossas vozes e nossas ideias são pó de ouro. **Revista Cult**, São Paulo, 9 nov. 2018. Entrevista. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/ana-maria-goncalves-entrevista/> Acesso em: 31 jul. 2025.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 23, p. 15-36, jun. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832005000100002>.
- GONZAGA, Gabriel. **O Atlântico negro como espaço cosmotécnico: memória, historicidade e tecnologia na Associação Satélite Prontidão**. 2025. 328 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.
- HOOKS, bell. Prefácio à nova edição. In: HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019. p.24-29.
- JESUS, Nara Regina Du Bois. **Clubes sociais negros em Porto Alegre-RS: a análise do processo de recrutamento para a direção das associações Satélite Prontidão e Floresta Aurora, trajetórias e a questão da identidade racial**. 2005. 101 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- LIMA, Alessandra Rodrigues; SILVA, Guilherme Carvalho. **Mapeamento dos Clubes Sociais Negros no Brasil: análise e sistematização de informações**. Brasília, DF: Iphan, 2015.
- MOURA, Carla de. **As Marias da Conceição: por um ensino de História situado, decolonial e interseccional**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição**. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.
- NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- NASCIMENTO, Maria Beatriz. **O negro visto por ele mesmo: ensaios, entrevistas e prosa**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

- RAMOS, Alberto Guerreiro. Patologia social do branco brasileiro. *In*: RAMOS, Alberto Guerreiro. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995, p. 215-240.
- RIOS, Ana Maria; MATTOS, Hebe Maria. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 8, p. 170-198, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/2237-101X005008005>.
- SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, vários significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. *In*: MAUAD, Ana Maria; RABELO, Juliana A.; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 23-35.
- SANTHIAGO, Ricardo. História pública e autorreflexividade: da prescrição ao processo. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 286-309, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5965/2175180310232018286>.
- SANTHIAGO, Ricardo. Quantas perguntas mais? *In*: RODRIGUES, Rogério R.; ALMEIDA, Juniele R. de (orgs.). *História pública em movimento*. São Paulo: Letra e Voz, 2021, p.19-30.
- SILVA, Fernanda Oliveira da. *As lutas políticas nos clubes negros: culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguai no pós-abolição (1870-1960)*. 2017. 285 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- SILVA, Fernanda Oliveira da. Pós-abolição ao sul: balanços e perspectivas. *In*: SILVA, Lúcia Helena Oliveira; RODRIGUES, Jaime; SOUZA, Airton Felix Silva (orgs.). *Escravidão e Liberdade: estudo sobre gênero & corpo, memória & trabalho*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2023. p. 273-296.
- SILVA, Raphael Ribeiro da. Por uma ética da Orixalidade nos Brasis contemporâneos. *Ensaios Filosóficos*, v. XXVI, dez. 2022. Disponível em: https://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo26/04_SILVA_REVISTA_ENSAIOS_FILOSOFICOS_VOLUME_XXVI.pdf. Acesso em: 20 mar. 2026.
- TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: o poder e a produção da história*. Curitiba: Huya, 2016.

VIEIRA, Daniela Machado. **Territórios negros em Porto Alegre-RS (1800–1970)**. 2017. 189 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FONTES PRIMÁRIAS:

A Federação. Porto Alegre, n. 33, p. 8. 8 de fev. 1914. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15 dez. 2025.

A Federação. Porto Alegre, n. 147, p. 2. 24 jun. 1931. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15 dez. 2025.

ASP. **Boletim informativo**, n. 12, 1997. Acervo da Associação Satélite Prontidão.

ASP. **Boletim informativo**, n. 13, 1997. Acervo da Associação Satélite Prontidão.

ASP. **Boletim informativo**, n. 14, 1998. Acervo da Associação Satélite Prontidão.

ASP. **Boletim informativo**, n. 15, 1998. Acervo da Associação Satélite Prontidão.

ASP. **Boletim informativo**, n. 20, 1998. Acervo da Associação Satélite Prontidão.

ASP. **Boletim informativo**, n. 21, 1998. Acervo da Associação Satélite Prontidão.

ASP. **Boletim informativo**, n. 25, 1998. Acervo da Associação Satélite Prontidão.

ASP. **Boletim informativo**, n. 26, 1999. Acervo da Associação Satélite Prontidão.

ASP. **Boletim informativo**, n. 33, 1999. Acervo da Associação Satélite Prontidão.

ASP. **Boletim informativo**, n. 36, 1999. Acervo da Associação Satélite Prontidão.

FEIJÓ, Nilo Alberto. **Projeto: Museu Comunitário do Centro de Referência Afro-Brasileiro (CRAB)**. [ca. 2001]. Acervo da Associação Satélite Prontidão.